

RESENHA

Experiência Transformadora

PAUL, L. A. *Transformative Experience*. Oxford: Oxford University Press, 2014. 208 p.

<http://ukcatalogue.oup.com/product/9780198717959.do>

César Fernando Meurer*

Recebido em: 06/2015
Aprovado em: 10/2015

Certas experiências (e.g. maternidade, mudar-se para outro país ou cultura, ir para a guerra) transformam profundamente o indivíduo. O que a filosofia tem a dizer sobre essas experiências? O recém lançado *Transformative Experience* é excelente para quem se interessa por essa questão. Laurie Ann Paul, filósofa e professora de filosofia na University of North Carolina at Chapel Hill, assina a publicação. O livro anterior dela, *Causation: a user's guide*, escrito em parceria com Ned Hall e dado à estampa em 2013, teve grande impacto e acabou vencendo o Sanders Book Prize da American Philosophical Association.

Minha primeira consideração acadêmica sobre *Transformative Experience*: Paul garante precisão conceitual e rigor argumentativo da primeira à última linha. Na verdade isso não chega a surpreender, uma vez que ela é especialista em metafísica e filosofia da ciência e possui diversos artigos editados em periódicos de primeira linha. O que impressiona, e essa é a segunda consideração de tipo acadêmico que gostaria de anotar, é a fluidez e a acessibilidade do texto. Quem manuseia o volume logo se dá conta que é um desses livros que a gente lê com gosto e interesse crescentes. Com variados exemplos cuidadosamente escolhidos e elegantemente articulados, sempre

* Mestre em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Problemata: R. Intern. Fil. v.6, n. 3(2015), p 426-434 ISSN 2236-8612
doi:[HTTP://dx.doi.org/10.7443/problemata.v6i3.24646](http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v6i3.24646)

em linguagem coloquial, Paul desassossega e provoca o leitor com uma argumentação original e afiada.

A presente resenha oferece uma espécie de corte transversal pelo núcleo da obra. Espero fazê-lo de modo a despertar o interesse de estudiosos de várias áreas do conhecimento que possuem interface com as humanidades. Para tanto, organizei o texto em três partes: na primeira, a partir de um dos exemplos encontrados no livro, destaco a dimensão prática da discussão entabulada por Paul. Em seguida, apresento sucintamente a estrutura e a importância do conceito "experiência transformadora". Na última parte, mediante interrogações, sinalizo o potencial científico interdisciplinar desse conceito. A meu modo de entender, *Transformative Experience* é capaz de mobilizar o que temos de melhor em diversas áreas do conhecimento.

[i]

Imagine que você tem a oportunidade de tornar-se um vampiro... Oportunidade única, do tipo "pegar ou largar". Se você decidir que sim, a transformação será rápida, indolor e irreversível. Se você decidir que não, sua vida segue normalmente. Ou talvez não tão normalmente... Pode ser que você passe uns tempos se questionando "E se...?"

Ora, antes de dizer "sim" ou "não" você provavelmente vai procurar saber mais sobre a vida dos vampiros. Pessoas ditas normais procuram fazer boas escolhas, sobretudo em situações dessa grandeza. Pois bem, aqui vai um conjunto de informações relevantes: vampiros são imortais, possuem sistema sensorial e aparato cognitivo diferenciados, são dotados de força física, precisão e velocidade nos movimentos, possuem alta capacidade cardiorrespiratória e extraordinária aparência física. Não menos importante, vampiros são obrigados a beber sangue e a evitar a luz do sol. Em resumo, bem parecido com o que vimos na saga *Crepúsculo*. E aí, sim ou não?

Suponha que essa mesma oportunidade foi oferecida a conhecidos seus. Alguns decidiram "sim" e estão já na nova vida; transformados. Mais: eles relatam que amam ser vampiro. "Eu nunca voltaria atrás, mesmo se pudesse" diz um deles. "Minha vida ganhou um significado totalmente diferente" diz outro. "Não tem como explicar, você precisar ser vampiro para realmente saber como é" diz um terceiro. E aí, sim ou não?

De acordo com Paul (2014) não é possível decidir racionalmente nesse caso. Essa afirmação é forte e deixa o leitor pensativo e interessado. Será mesmo?

Primeiro ponto: diante da oportunidade de virar vampiro, você tem inúmeros motivos para querer escolher com inteligência. Você quer a opção que oportunizará a melhor vida possível depois e, simultaneamente, você deseja evitar as opções capazes de gerar insatisfação e arrependimento. Lembre-se: é uma oportunidade única e a transformação, caso você decidir fazê-la, será irreversível.

Pensando bem, os desfechos possíveis são quatro: 1) virar vampiro e apreciar a nova vida, isto é, concluir que a escolha foi acertada; 2) virar vampiro e arrepender-se da escolha; 3) recusar a oferta (isto é, permanecer como humano) e concluir que essa foi efetivamente a melhor opção; 4) permanecer como humano e depois se arrepender por ter desperdiçado uma extraordinária oportunidade.

Segundo ponto: quais são as informações disponíveis que podem subsidiar a decisão? Fundamentalmente, elas são de três tipos: 1) aquilo que você mesmo(a) pensa, acredita, sente, deseja, valoriza... enfim, suas atuais crenças, desejos e valores; 2) o testemunho de outros seres humanos; 3) o testemunho de vampiros. Vou comentar rapidamente o teor dessas fontes de informação.

O que você mesmo(a) pensa, acredita, sente, deseja, valoriza... são crenças, desejos e valores de um ser humano. Enquanto ser humano – para todos os efeitos um ser vivo com certo aparato sensorial e certas capacidades cognitivas que ocasionam experiências de certo tipo e um sistema de crenças e desejos nelas assentado –, você sabe/conhece como é a experiência de viver a vida humana. A questão é: serve essa experiência prévia de base para avaliar se vale a pena ou não viver a vida de vampiro? Paul (2014) considera que todos os saberes/conhecimentos/experiências prévias não proporcionam base adequada para projetar, em primeira pessoa, como seria "ser vampiro". Com outras palavras, o conjunto de todas as suas experiências humanas não informa se você vai gostar ou se arrepender de ter virado vampiro. Para complicar um pouco, esse mesmo conjunto de experiências também não informa claramente se você vai gostar ou se arrepender de ter recusado a transformação.

E o testemunho de outros seres humanos? Sob o prisma de Paul (2014), trata-se do entendimento de indivíduos que (assim como você) pensam, acreditam, sentem, desejam e valorizam humanamente. Podem esses testemunhos informar qual é a melhor escolha para você? No limite, os demais humanos estão no mesmo barco que você: não têm ideia como é efetivamente a experiência de ser vampiro e, conseqüentemente, não tem ideia se determinada escolha vai resultar em satisfação ou em arrependimento.

O testemunho dos vampiros, por sua vez, é baseado em outro aparato sensorio, outras capacidades cognitivas, outras experiências, outro sistema de crenças e desejos. Pense por um momento: quais são as crenças, desejos e valores de um ser que sabe que é imortal? O ponto a ser notado aqui é que a perspectiva do vampiro é radicalmente diferente da perspectiva do humano. Logo, é questionável um humano tomar uma decisão importante – algo que vai transformar a vida para sempre – com base no testemunho de um não-humano. Esse testemunho, já ficou claro, é oriundo de outra racionalidade. Uma formiga, caso pudéssemos ter uma comunicação significativa com ela, provavelmente também contaria maravilhas da experiência de ser formiga.

Nessa altura alguém poderia dizer: "E se eu simular a vida de vampiro para sentir se vale a pena ou não? Vou mudar minha rotina, beber sangue e fazer outras coisas que sabidamente os vampiros fazem...". Seria essa simulação de alguma ajuda para saber como realmente é a vida de vampiro? Dificilmente. De acordo com os termos dos parágrafos anteriores, é a experiência de um humano – alguém que pensa, sente, deseja, acredita e valora como humano... – simulando algo que ele não sabe como será no nível pessoal/fenomenológico depois da transformação.

Essas considerações preparam o terreno para o seguinte: de acordo com a obra em comento, diversas decisões extremamente importantes da vida são fundamentalmente deste tipo. Tudo o que eu apresentei sobre 'tornar-se um vampiro' se aplica também para 'tornar-se mãe', 'mudar-se para uma cultura distante', 'ir para a guerra', 'casar', etc. Nesses e em diversos outros casos, o indivíduo precisa resolver fazer (ou não) uma experiência drasticamente nova que vai reconfigurar não apenas as crenças e desejos, mas também o senso de si. Essas são, nos termos de Paul, "experiências transformadoras". Na próxima seção apresentarei sucintamente esse conceito.

[ii]

'Experiência transformadora' [*transformative experience*] é um conceito complexo, que integra transformação epistêmica e transformação pessoal. Vou apresentar essa composição e, ainda nessa seção, avançar alguns indicadores da importância desse conceito.

Certas experiências humanas são epistemicamente transformadoras [*epistemically transformative*]: elas reconfiguram o sistema de crenças e desejos do indivíduo. Para Paul, tais experiências proporcionam acesso a um conjunto de crenças até então inacessível ao agente doxástico. No vocabulário da filosofia da mente, isso quer dizer que o conteúdo da proposição que descreve certa experiência é acessível somente ao indivíduo que se encontra no estado mental proporcionado por essa mesma experiência.

Certas experiências humanas são pessoalmente transformadoras [*personally transformative*]: modificam algo que podemos chamar senso de si, ou self, ou fenomenologia pessoal, ou preferências subjetivas. "If an experience changes you enough to substantially change your point of view, thus substantially revising your core preferences or revising how you experience being yourself, it is a personally transformative experience" (PAUL, 2014, p. 16).

De acordo com Paul, algumas experiências humanas combinam transformação epistêmica e transformação pessoal. Estas, a autora enfatiza, são particularmente importantes tanto em termos práticos quanto na esfera do entendimento científico. O livro em comento concentra-se nelas e é a elas que a autora aplica o conceito "experiência transformadora".

In any case where you undergo a sufficiently deep personal change, that is, in any case where your core personal preferences are significantly changed, leading to a significant change in how the post-change you would evaluate the act, questions about choices under personal transformation arise. And in any case where you have a truly new kind of experience, questions about choices under epistemic transformation arise. And for any case where such transformations are combined, and where there is an important role for subjective deliberation and the first personal perspective, the deep questions about the structure and rationality of making transformative choices arise (PAUL, 2014, p. 51).

Alguns indicativos da importância prática das experiências transformadoras: primeiro, diante delas somos obrigados a escolher e essa escolha costuma ser dura. Paul, lemos na passagem longa recém citada, serve-se da expressão "escolha transformadora" [*transformative choice*] para destacar esta estranha situação na qual o indivíduo, em um cenário epistemicamente pobre, se esforça para manejar diferentes *selves* (o eu-atual e o eu-futuro) que potencialmente possuem conjuntos incompatíveis de preferências pessoais.

Segundo: a vida concreta de um ser humano pode ser descrita como um itinerário pautado por escolhas que são justificadas em certa ideia de realização ou felicidade. Se as escolhas transformadoras são efetivamente feitas em condições epistemicamente precárias, então "The rationality of the approach to life where we authoritatively control our choices by attempting to subjectively project ourselves forward and consider possible subjective futures is undermined by our epistemic limitations on knowing what our future experiences and preferences will be like" (PAUL, 2014, p. 107).

Terceiro aspecto: diversas dessas escolhas são eminentemente pessoais. Quer isso significar que na maioria dos casos não há força externa que se sobrepõe à deliberação subjetiva. Não há uma lei ou decreto que decide por você; tampouco as informações científicas sobre a experiência que você tem em vista podem decidir "sim" ou "não".

Paul postula que algumas das decisões mais importantes da vida são fundamentalmente deste tipo: fazer ou não uma experiência drasticamente nova que vai reconfigurar não apenas as crenças e desejos, mas também o senso de si. Alguns dos diversos casos longamente discutidos na obra: a pessoa surda que enfrenta a decisão de receber (ou não) um implante auricular (p. 53-70); a mulher que enfrenta a decisão de ter (ou não) um bebê (p. 71-93); decisões que costumamos situar na categoria "pra vida toda", tais como casamento, profissão, etc. (p. 94-104).

A radicalidade da experiência transformadora é a seguinte: de antemão não é possível saber como vai ser "ser eu" depois da experiência. O testemunho de quem já fez tal experiência, nesses casos, é como o testemunho do vampiro comentado na primeira seção. Se Paul estiver certa, então aceitar ou recusar uma transformação com base em relatos de indivíduos já

transformados é, em certo sentido, abrir mão da autonomia racional. Por outro lado, basear a decisão na opinião de pessoas que não passaram pela transformação também não é lá muito informativo, tanto no âmbito epistêmico quanto no âmbito pessoal/subjetivo.

Pensemos um pouco mais na decisão de ter um filho. Para Paul, a maternidade (primeiro filho) é o exemplo paradigmático de experiência transformadora. Por um lado, é evidente que a mulher leva em conta o testemunho de outras mulheres, bem como as informações científicas que ela recolhe. Por outro lado, é certo que ela julga essencial levar em conta o que ela própria acredita acerca do que é ser mãe. Ora, se a decisão de ser mãe depende crucialmente das crenças e preferências de um eu-não-mãe acerca de como vai ser eu-mãe e se a maternidade é uma experiência transformadora, então a decisão de tornar-se mãe é uma escolha não-racional. No timbre da reflexão envolvente de Paul, quem não é mãe nunca passou pela experiência de olhar, tocar e sentir o *seu* bebê. Quem não é mãe nunca experienciou o compêndio incomunicável de intensos sentimentos combinados com algo que é ao mesmo tempo energia e exaustão. Antes de fazer a experiência, a autora diz repetidas vezes, é impossível saber.

Vimos que o conceito "experiência transformadora" possui importância prática capital. Na próxima seção, que é a última, registro alguns conjuntos de perguntas emergentes da argumentação de Paul. Algumas dessas perguntas são genuinamente minhas (autor da resenha), isto é, ecoam interrogações que cruzaram minha mente durante a leitura. Outras vem de pontos indicados pela própria autora, tanto no texto quanto em eventos científicos recentes. Outras recolhem comentários e problematizações que pessoas do meio acadêmico vem apresentando verbalmente e por escrito. No geral, essas questões ainda não têm respostas e, nessa condição, sinalizam o potencial científico interdisciplinar do conceito "experiência transformadora".

[iii]

Experiências transformadoras são constituídas por transformação epistêmica e por transformação pessoal. Pelo viés epistêmico, o sujeito está diante de um futuro inacessível (no sentido de não-projetável): sabe que a experiência vindoura vai reorganizar de modo duradouro seu sistema de crenças, mas não

tem condições de conhecer a modificação antes de passar pela experiência. Pelo viés pessoal, o sujeito encontra-se diante de um futuro *self* não-projetável: sabe que será outra pessoa depois, mas não tem condições de antecipar os valores e as preferências subjetivas do eu pós-experiência.

Para a filosofia, *transformative experience* sublinha a importância de questões tais como: de fato as experiências transformadoras proporcionam conhecimentos (/valores/preferências) que não são acessíveis por outros meios? Quais são as posturas epistêmicas possíveis em face a uma escolha transformadora? A mencionada improjetabilidade pode ser tratada como uma questão de grau? Se sim, qual é o status epistêmico das informações que o agente doxático consegue antecipar? Qual é a importância das experiências transformadoras no âmbito das discussões contemporâneas acerca do assim chamado conhecimento de si? A tradição da filosofia da experiência consegue explicar as experiências transformadoras? Qual é a relação entre transformação epistêmica e transformação pessoal? Possuem as experiências transformadoras conteúdo proposicional? Se sim, qual é a relação deste com o aspecto fenomênico da experiência? Possui o indivíduo acesso transparente ao conteúdo proposicional das próprias experiências? No geral, possuem as pessoas acesso direto ao seu sistema de crenças? Qual é a importância da terceira pessoa na identificação de atitudes proposicionais?

O conceito "experiência transformadora" também suscita questões para a psicologia, tanto no âmbito teórico quanto no aplicado: quais são os processos psicológicos envolvidos na revisão substancial de crenças, desejos, emoções, valores etc.? Algum dos modelos psicológicos de tomada de decisão consegue explicar as escolhas transformadoras? É possível identificar eventos que figuram como gatilhos de escolhas ou de experiências transformadoras? Existem experiências transformadoras destrutivas? Se sim, elas podem ser prevenidas? O conceito "experiência transformadora" pode oferecer novas luzes para a psicologia clínica? Diante de escolhas transformadoras, as pessoas tomam consciência da precariedade epistemológica na qual se encontram? Existem maneiras melhores e piores de fazer escolhas transformadoras? Se sim, quais são as lições pedagógicas que podemos derivar?

Anoto também um conjunto de possíveis questões para a grande área das ciências sociais e aplicadas: como as escolhas

transformadoras estão vinculadas à condição econômica, social, religiosa etc. do indivíduo e do grupo no qual ele está inserido? Como os grupos participam das escolhas transformadoras dos indivíduos? Como as organizações e instituições influenciam (ou procuram influenciar/direcionar) as escolhas e as experiências transformadoras? Pode a instituição escola preparar as novas gerações para escolhas transformadoras? Se sim, como? Quais são as metodologias capazes de iluminar melhor a dimensão transformadora da experiência?

Essas questões constituem uma pequena amostra da fecundidade científica de *Transformative Experience*. Não é difícil desdobrá-las. Se fizermos isso, haveremos de concordar: o trabalho de Paul merece ser descrito como um programa de pesquisa de notória atualidade, capaz de mobilizar o que temos de melhor nas diversas áreas do conhecimento que se ocupam do mundo humano.